

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

AS MASSAS DE PENICHE LUTAM E VENCEM! As últimas prisões

OS PESCADORES REVOLTAM-SE

Outro crime do Estado-Novo:

Um pescador assassinado!

A ditadura de Salazar, incapaz de resolver os seus problemas, tem o terror como arma única. Ao bem estar que prometeu na propaganda demagógica dos sindicatos nacionais substituiu as mais inauditas violências. Resolve com Polícia o que devia solucionar-se com pão e trabalho. Por isso a sua senda é sanguinosa. A sua política, que tanto se afirmara nacional e acima dos interesses de qualquer classe, é o mais descaradamente escrava do grande capital.

Entretanto, o seu poder não é tão forte como se pretende. A violência que o reveste é indício da sua fraqueza, do medo covarde de ser dominada. A Ditadura e os seus servidores sabem bem que as massas portuguesas, exploradas e famintas, privadas de todos os direitos políticos, lutam e lutarão obstinadamente até ao seu derrubamento.

Agora mesmo, no período mais agudo do terror burguês, é possível lutar. São as massas quem, espontaneamente, nos vêm mostrar o caminho, e tiram a alguns dos nossos camaradas a ideia de que sob a ditadura é impossível lutar e vencer.

Pois bem. Em Peniche, os pescadores e restante população trabalhadora lutaram e venceram. Correu mais uma vez o sangue generoso do proletariado, derramado pelos facinoras mercenários do Estado Novo. Mas as massas venceram. Conseguiram os seus objectivos. Deram a todo o proletariado português a noção do que vale a luta geral das massas em frente-única pela defesa dos seus interesses comuns.

O caso, que a censura impediu de ser divulgado na imprensa, foi nos comunicado por um relatório dos nossos camaradas de Peniche que notícias doutras proveniências confirmaram inteiramente.

Aconteceu que, pelo uso de dinamite na pesca, foram condenados a 4 meses de prisão e multas, 58 mestres de traineiras, além de ser tirada a cédula marítima a outras tantas companhias num total de 700 homens.

Já neste simples facto da condenação se manifesta a justiça de classe do Estado Novo. De há 20 anos para cá, que com conhecimento das autoridades da terra se fazia a pesca por processos dinamitistas. Essas próprias autoridades, interessadas na pesca, eram as primeiras a aconselhar o uso da dinamite nos seus barcos. Assim aconteceu com um tal sr. Encarnação que foi Capitão do porto e tinha os barcos em nome de outro arma-

dor; outro tanto se dava nos barcos de Joaquim Faria, ex-administrador do concelho. Entretanto, nenhum destes burgueses foi metido da cadeia ou os seus barcos confiscados.

Como não foram presos os proprietários dos barcos que vendiam aos pobres marítimos caixas de explosivos a 120\$00 quando as compravam a 25\$00? A «justiça» burguesa não vê estas cousas.

No entanto, os factos eram bem conhecidos de todos em Peniche. Vários pescadores ficaram inutilizados pela explosão de cartuchos e dois deles morreram em consequência dessas explosões. Nenhum inquirido se fez às causas dessas mortes e desastres que indolentemente se ia deixando atribuir a explosões de fogareiros de petróleo. A justiça e autoridades burguesas têm os olhos bem tapados ante as culpas dos da sua classe...

Verificada, em Peniche, a situação miserável em que a população ia ficar, pois perto de 3.000 pessoas seriam privadas de poder comer, houve várias diligências em Lisboa por meio de comissões que nada conseguiram. Entretanto... chegou o dia 13 de Novembro, data em que os mestres condenados se deviam apresentar à prisão.

Num movimento unânime, que englobou até o comércio, os pescadores e famílias reuniram-se no local de partida das camionetas que haviam de levar os mestres das traineiras e protestaram em altos gritos contra a injustiça que se ia praticar.

Decididos a impedir a prisão dos seus camaradas, resolveram fechar a única saída da vila com grande número de lanchas e uma traineira. Cortadas as comunicações telefónicas e telegráficas, tocaram os sinos a rebatê e entrando nas cinco fábricas existentes na Vila fizeram paralisar o trabalho e que os operários que lá trabalhavam se solidarizassem com o seu protesto.

Daf se dirigiram a todas as pequenas oficinas que igualmente suspenderam o trabalho como protesto.

Depois começou o terror. A G.R. recebe ordem de exercer violências e quando um grupo de pescadores, desarmados, fazia os seus protestos, a guarda começou o tiroteio que causou um morto e dois feridos.

Mas o proletariado penichense não recua por ser atacado!

A morte dum seu irmão e as vio-

Continua na 8.ª página

THAELMANN PRESTES A SER JULGADO!

Segundo as últimas notícias, os juizes hitlerianos preparam-se para levar a efeito mais uma farça no género que puzeram em cena para tentarem condenar Dimitroff. Após dois anos de incomunicabilidade rigorosa, após tão longo período de provocações e de repressão prisional, o glorioso chefe do proletariado alemão e dos anti-fascistas de todo o mundo, vai ser levado ante os representantes da «peste-castanha» — os nazis.

Neste momento, a vigilância anti-fascista mundial redobrou de intensidade. Em todos os países, milhões de homens lançam, nos mais variados idiomas, o mesmo grito, filho do mesmo desejo e da mesma consciência anti-fascista: LIBERTAI THAELMANN!

Entre nós, a campanha pró-libertação de Thaelmann, encontra milhares de adeptos. Têm sido inúmeros os protestos enviados ao embaixador alemão e aos consules do mesmo país. Há poucos meses, os presos anti-fascistas do Aljube dirigiram o seu protesto veemente ao representante em Portugal dos assassinos dos trabalhadores alemães. Isso valeu-lhes, da parte do Governo salazarista, o castigo de privação de visitas durante um mês. Nem por isso o desejo de salvar Thaelmann diminuiu no espírito daquêles camaradas.

Apesar destes pequenos sucessos parciais, estão longe de se esgotarem as possibilidades de trabalho existentes. E' necessário interessar nesta campanha o maior número de trabalhadores, das cidades e dos campos, quer citando-lhes o significado do terror hitleriano, quer descrevendo-lhes a figura revolucionária do grande chefe dos trabalhadores.

E' preciso desacreditar a «justiça» hitleriana aos olhos de todos os trabalhadores! O facto de Thaelmann estar preso há cerca de 3 anos, antes de terem «fabricado» uma acusação contra ele, é por si mesmo uma prova da sua inocência e da justiça escandalosa do III Império.

Thaelmann é o símbolo de todos os inimigos de Hitler e do fascismo! Lutar pela sua libertação, é lutar pela libertação de todos os anti-fascistas das garras reaccionárias da burguesia mundial!

á luz das Resoluções do VII Congresso da I.C.

11 de Novembro marca, agora, duas datas para o proletariado português: A primeira, a data do armistício; a segunda, marca o acontecimento que roubou à nossa companhia três militantes queridos do movimento revolucionário português.

São passados 17 anos depois que a guerra terminou; são passados quarenta e tantos dias desde que os nossos camaradas foram presos. Não vai longe, também, a data em que Dimitroff dizia às dezenas de delegados dos P.C. de todos os países reunidos na URSS:

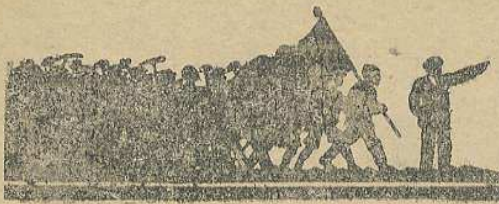
«Eles — os meios imperialistas mundiais — esforçam-se por tomar a frente às forças da revolução, através do esmagamento do movimento revolucionário dos operários e dos camponeses, e de uma agressão militar contra a U.S., reduto do proletariado mundial. E' por isso que eles têm necessidade do fascismo».

José de Sousa e Bento não eram somente os dirigentes do movimento revolucionário português; eram também os seus melhores dirigentes e os chefes mais populares das massas operárias. Se a burguesia os perseguia feróticamente e se agora os manietou no cárcere, é porque via neles inimigos irreductíveis e encarniçados. Com essas prisões foi-nos vibrado um golpe profundo e doloroso. Mas, se é verdade que a dor de tão preciosa perda cala fortemente no nosso espírito, também não é menos verdade que ela chama a nossa atenção para a necessidade de reforçar a vigilância revolucionária, por um lado, e por outro, a urgência de aplicarmos com pertinácia e entusiasmo as Resoluções do VII Congresso da I.C.

Se, como disse Dimitroff os capitalistas e reaccionários procuram «tomar a frente às forças da revolução» desencadeando o terror mais bestial de que resa a história, cumpre ao P.C., vanguarda dos exércitos proletários e camponeses, responder a essas tentativas com um fogo de barragem e com um avanço decisivo e ardente no caminho da unidade de acção para o derrubamento da ditadura salazarista.

Praticamente, essa tática consiste em unir todos os que odeiam o fascismo e a guerra, todos os que pela causa da Paz e da Liberdade estão dispostos a sacrificar o melhor dos seus esforços; consiste, ainda, em dirigir, com tão poderoso instrumento, os golpes mais mortais NOS PONTOS MAIS VULNERÁVEIS do inimigo, até conseguirmos vence-lo.

Este instrumento chama-se FRENTE-UNICA proletária — a sua base é a luta de classes e o seu coroarmento é a frente popular anti-fascista.



Construindo o Partido

O PARTIDO LUTA SEMPRE!

Julgou a Polícia de Informações que com a prisão dos nossos dedicados camaradas Bento, Sousa e Fogaça—tinha dado o golpe de morte no Partido Comunista.

A polícia, afinal, enganou-se. Está-se longe do tempo em que a prisão de um camarada responsável lançava o pânico nas nossas fileiras e trazia uma desorganização que paralizava toda a nossa actividade. Hoje não. O Partido forjou-se na luta permanente e clandestina, conseguiu vencer os resultados da repressão do 18 de Janeiro e já não é a prisão de Bento e José de Sousa que vem destruir a nossa organização.

Por muito que nos custe estarmos privados da sua experiência revolucionária, por muito que a sua dedicação nos falte—o Partido continua sempre em frente, marcha na via que o leninismo lhe indica.

Um, dois, três militantes—não são o Partido. Podem ter-lhe dado todo o seu esforço que ele não se perde com o seu afastamento do campo da luta. Novos elementos surgem a temperar-se na acção revolucionária. Mais se amoldam ao combate nestas experiências dolorosas quantos vêm nelas proveitosos ensinamentos.

Um partido comunista, um partido que segue a lição do Partido Comunista russo, que tem como guias o heroísmo do Partido Comunista Alemão e a pasmosa vitalidade do Partido Comunista Búlgaro—não morre, não se desfaz à prisão de alguns dos seus militantes, mesmo os mais dedicados, mesmo os mais sabedores.

Pelo contrário. Na vida do P.C. Português, a data da prisão de José de Sousa, Bento e Fogaça marca uma concentração de todas as forças partidárias em torno do seu Comité Central.

Por isso, a nossa acção não afrouxa não afrouxará nunca. Mais que antes, se impõe o robustecimento do Partido, a consolidação da nossa actividade nos locais de trabalho como meio de luta pelas reivindicações concretas e parciais por insignificantes que pareçam.

Está-se a abrir ante nós a perspectiva de lutas novas e decisivas. A situação mundial do capitalismo agrava-se até à guerra, única saída deste inferno de contradições que é o mundo burguês. Internamente, mesmo sob o ponto de vista capitalista (único, claro está, do salazarismo, apesar da sua demagogia) o Estado-Novo faliu e miseravelmente. A miséria que os próprios documentos oficiais já não podem ocultar, agrava-se pavorosamente. Um novo ciclo de revoluções e guerras se abre em todo o mundo. O capitalismo vai dar os últimos combates. Salazar apresta-se a vencer a crise à custa dos trabalhadores, nem ele mesmo sabe como. O Partido Comunista Português tem na sua frente a tarefa mais importante da sua vida e da sua finalidade. Ele saberá lutar e vencer.

Os simpatizantes e o Partido

Não tem sido, até hoje, claramente definida, na nossa imprensa, a posição dos simpatizantes comunistas ante o Partido. Iludidos por um falso raciocínio, não faltam os que põem uma barreira entre si e o Partido, julgando que não estarem filiados justifica tudo isso. É certo, e é uma das características mais notáveis que Lênine imprimiu aos Partidos Comunistas, que não se é membro do Partido por se estar de acôrdo com as suas doutrinas. É necessário mais alguma coisa. É necessário o trabalho persistente, obscuro e dedicado através todos os perigos. É necessário sobretudo, uma devoção ilimitada à causa do proletariado, um sentimento de disciplina que olha para o resultado final e não para o brilho mais ou menos deslumbrante de qualquer acção isolada.

Evidentemente, que não pertencem pode pertencer ao Partido quem não preencher estas condições. Mas é justo, é razoável que isto justifique o afastamento de tantos camaradas dedicados, a separação nitida que fazem entre os interesses do Partido, e os seus, como comunistas?

Não. Existem tão sinceros comu-

nistas fóra do Partido como dentro d'ele. Há fóra d'ele, muitas pessoas que devidamente esclarecidas, convenientemente encaminhadas, já hoje trabalhariam cá dentro e nos auxiliariam com toda a dedicação. E há mais uma massa, uma grande massa de simpatizantes que nos pode ser imensamente útil!

Diz Lênine que NEM TODOS PODEM PERTENCER AO PARTIDO MAS TODOS O PODEM AUXILIAR.

Um Partido que deve conquistar as massas, que luta pela defesa dos interesses delas necessita, evidentemente, de se dirigir a todos que estão decididos lealmente a «judá-lo».

Não podem dar todo o osforço dum filiado? Que importa? O que urge é que os nossos simpatizantes quebrem o muro que n'is separa, sem motivo, e que os nossos camaradas do Partido, pondo de parte todo o sectarismo, se esforcem pela utilização mais ampla da boa-vontade de todos os nossos amigos.

E que esta vontade de ser útil é já hoje uma grande auxiliar do

Continua na 7.ª página

Regras do trabalho clandestino

—Dizer aos camaradas só o que é estritamente necessário que cada um d'êles saiba para o seu trabalho.

—Não ir acompanhado de outros camaradas que não tenham que fazer na reunião.

—Quando o encontro entre dois camaradas desconhecidos não puder ser evitado, não dizer quem são ou o cargo que têm.

—Não ter vários encontros no mesmo dia, no mesmo local.

—Não usar muitas vezes seguidas os mesmos locais de reunião. Não chegar antes da hora marcada. Ser PONTUAL: Nunca esperar mais de 5 minutos. Não esperar parades.

—Nunca ir para uma reunião sem verificar se é seguido; não se voltar para trás com frequência. Se se tiver suspeitas de ser seguido, despistar o seguidor: a entrada para um carro eléctrico, em que se entre só, dá grande confiança. Apear-se do carro antes ou depois do encontro. Não ir à reunião, antes se afastar dela o máximo, se se suspeita ser seguido.

—Não ter reuniões em locais «queimados».

—Retirar-se do local era que se espera um camarada, quando este não aparece.

—Preparar o que há a dizer nas reuniões para estas serem curtas.

—Na conversa, não falar em «CAMARADAS». Quando seja necessário empregar-se à outra qualquer palavra.

—NUNCA marcar encontros pelo telefone.

—Não ter livros de apontamentos com horas e locais de encontros

Fixar de memória.

Quando absolutamente necessário, ter as indicações, em sinais convencionais, num papelinho que se deita fora ou engole á menor suspeita.

—Nunca dizer a ninguém: SOU COMUNISTA. PERTENÇO AO PARTIDO.

—Não responder a perguntas de curiosos. Considerar isso uma provocação, mesmo que venha dum camarada de absoluta confiança.

Ter sempre presente que ninguém deve e pode saber, a respeito da organização do trabalho revolucionário, mais do que o indispensável para executar o SEU trabalho.

—Não declarar as suas suspeitas a camaradas isolados, mas aos organismos directamente superiores: Célula, Comité.

—Desconfiar dos camaradas EXCESSIVAMENTE REVOLUCIONÁRIOS: Sconsciente ou inconscientemente, são provocadores.

—Usar SEMPRE de pseudónimo nas reuniões, mesmo com camaradas conhecidos.

—Não falar aos camaradas, quando não tivermos encontros marcados com êles, PRINCIPALMENTE quando forem acompanhados por pessoas desconhecidas que podem muito bem ser agentes da polícia que os leva a presos.

Estas «Regras» elementares não devem ser aplicadas com ar misterioso ou importante. Quanto mais simples fórmos no nosso proceder, tanto menos suspeitas daremos.

Contra a provocação!

A prisão de Bento Gonçalves, José de Sousa e Júlio Fogaça veio chamar a atenção de todo o Partido para este problema fundamental. Não que a atribuamos (fa ta n'is indicações que a incomunicabilidade de dos nossos camaradas presos não nos pode dar) a provocação no sentido do Partido e muito menos, dada a experiência d'esse militante, a qualquer imprudência sua. Põe-se-nos, e é agora a melhor oportunidade, a combater as tendências inconscientemente provocatórias de grande parte dos nossos camaradas. Entre nós, aparece frequentemente o que quer saber tudo, porque isso julga, lhe dá superioridade, ou o que tudo conta, claro está, a «rapazes de confiança», que liceriam «malindrados» se soubessem que êles lhes não contava o que sabia. E' contra este estado de espírito que nós temos de lutar na disposição bolchevique de ser inesorável para tal procedimento.

Mas as conseqüências da resistência de tais curiosos e faladores não fica por aqui. Além de poderem ser inconscientemente agentes da polícia que por êles sabe tudo, são provocadores no Partido porque lançam o pânico dentro d'ele, nos momentos em que, como agora, uma grande fatalidade caiu sobre o Partido.

No caso presente não faltou logo quem exagerasse o número de prisões, indicasse a outros camaradas nomes de militantes de valor que tinham sido supostamente presos, que não atribuísse levemente o papel de provocador a soldo da polícia, a camaradas cuja dedicação abnegada é orgulho do nosso P. e exemplo para todos nós.

Os camaradas que assim procederam levemente é que agiram dum maneira provocatória e é isso que nos faz deter sobre o caso porque indica que dum forma mais ampla que é necessário, se concentrem os camaradas que actuam nos vários sectores. E' preciso, pois, acabar com tal estado de coisas. E' necessário que não haja mais membros do P. ou simpatizantes que, ao falar-se de tal caso, digam o nome ou pseudónimo dum militante e lhe indiquem os sinais; peçam a um camarada, amigo íntimo, e de «confiança», embora, que lhes diga onde vai reunir com outro e que n'is é êsse; que desejem saber isto ou aquilo.

Piatniski, no 13.º Plenº da I.C., pôs ao Partido alemão, três pontos fundamentais: luta contra a provocação; criação de quadros; luta contra a centralização excessiva. Também nós temos de lutar sobretudo pelos dois primeiros. Por isso chamamos a atenção do Partido, em todos os seus escalões, para o maior respeito das regras conspirativas. A falta de cuidado de um camarada, a sua ância de contar coisas e lousas, ou de lançar boatos, serão motivo de expulsão das fileiras do Partido em qualquer escalão que isso se dê.



PELA UNIDADE DE ACÇÃO CONTRA O FASCISMO E A GUERRA

O HISTÓRICO DISCURSO DE DIMITROFF NO VII CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

Publicamos a seguir alguns extractos mais importantes do grande discurso de Dimitroff, pronunciado no dia 2 de Agosto perante os delegados dos partidos comunistas de todos os países. Com estes extractos damos em evidência as questões fundamentais do movimento comunista internacional no próximo futuro.

Porisso chamamos a atenção de todos os leitores para os problemas candentes da luta contra o fascismo e a guerra, tal como os apresenta Dimitroff, certos de que, segundo o caminho que elle nos traça, conseguiremos vencer o fascismo e a reacção, e com esse feito restabelecer aquelas liberdades e realizar aquelas aspirações que constituem o desejo comum de quantos sofrem a exploração e a opressão bestial do fascismo salazarista.

O fascismo é um poder feroz mas precário

«A ditadura fascista da burguesia é um poder feroz mas precário»... «A classe operária deve saber utilizar as contradições e os conflitos no campo da burguesia, mas não deve amadurecer a ilusão de que o fascismo se esgotará a si próprio. O fascismo não se derrubará automaticamente. Sómente a actividade revolucionária da classe operária ajudará a utilizar os conflitos que surgem inevitavelmente no campo da burguesia, para sapar a ditadura fascista e derrubá-la»...

«Só os filisteus mostruosos, os lacaios da burguesia, tais como o mais antigo teórico da II Internacional, Karl Kautsky, podem censurar aos operários o terem pegado em armas na Austria e em Espanha. Como estaria hoje o movimento operário na Austria e em Espanha se a classe operária destes países se inspirasse nos conselhos traidores dos Kautsky? A classe operária sentiria, neste caso, uma profunda desmoralização nas suas fileiras.

«A escola da guerra civil — diz Lênine — não se faz sem que os povos a paguem. É uma escola rude e o seu curso completo contém, inevitavelmente, victórias da contra-revolução, o desencadeamento dos reaccionários irritados, as selváticas repressões exercidas pelo velho poder contra os amotinados, etc. Mas sómente os pedantes endurecidos, e as múmias que perderam todo o senso comum, podem deplorar a entrada dos povos nesta penosa escola; esta escola ensina às classes oprimidas a condução da guerra civil, ensina-lhes a revolução victoriosa, concentra na massa dos escravos modernos o ódio que guardam eternamente no seu foro íntimo es escravos oprimidos, obtusos, ignorantes, e que conduz aos maiores cometimentos históricos os escravos que conquistaram a consciência da vergonha da sua escravatura».

«...o fascismo, que pareceu como resultado da decadência do sistema capitalista, age, em última análise, como um factor da sua decomposição interior. Desta forma, o fascismo que tomou como obrigação o enterramento do marxismo, o movimento revolucionário da classe operária, conduz, elle próprio,

como resultado da dialéctica da vida e da luta de classes, ao desenvolvimento ulterior das forças que devem ser as suas enterradoras, as enterradoras do capitalismo».

A importância da frente-única da classe operária contra o fascismo

«O estabelecimento da unidade de acção de todos os destacamentos da classe operária, independentemente do partido ou da organização aos quais pertençam, é necessário mesmo antes que a maioria da classe operária se una na luta pelo derubamento do capitalismo e pela vitória da revolução proletária.

É possível esta unidade nos diferentes países e no mundo inteiro? Sim, é possível, e de seguida. A Internacional Comunista não apresenta a unidade de acção mais do que uma única condição elementar e aceitável para todos os operários. A saber: que a unidade de acção seja dirigida contra o fascismo, contra a ofensiva do capital, contra as ameaças de guerra, contra o inimigo de classe. Eis a nossa condição.

O conteúdo e as formas da frente-única

«Qual é e qual deve ser o conteúdo essencial de frente-única na etapa dada? A defesa dos interesses económicos e políticos imediatos da classe operária, a defesa desta contra o fascismo deve ser o ponto de partida e deve constituir o conteúdo essencial da frente-única em todos os países capitalistas».

«Nós devemos indicar às massas

o que elas devem fazer hoje para se defenderem contra a pilhagem capitalista e a barbarie fascista.

Devemos trabalhar para estabelecer a mais ampla frente-única, por meio de acções comuns das organizações operárias de diferentes tendências, para defesa dos interesses vitais das massas trabalhadoras.

Isto significa, em primeiro lugar, lutar em comum para fazer, realmente, recair os efeitos da crise sobre os ombros das classes dominantes, sobre os ombros dos capitalistas, dos proprietários, numa palavra, sobre os ombros dos ricos.

Em segundo lugar, lutar em comum contra todas as formas de ofensiva fascista, pela defesa das conquistas e dos direitos dos trabalhadores, contra a liquidação das liberdades democráticas burguesas.

Em terceiro lugar, lutar em comum contra o perigo iminente de uma nova guerra imperialista, lutar de maneira a entravar a sua preparação.

«Os comunistas, evidentemente, não podem nem devem renunciar, por um só momento que seja, ao trabalho independente em matéria de instrução comunista, de organização e de mobilização de massas. No entanto, afim de assegurar aos operários a via que conduz á unidade de acção, é necessário simultaneamente, trabalhar para a realização de acordos, breves ou de longa duração, sobre acções a empreender em comum com os partidos social-democratas, sindicatos reformistas e as outras organizações dos trabalhadores, contra os inimigos de classe».

DOIS PAISES, DOIS SISTEMAS

Em Portugal

Dr. Teotónio Pereira

(IDEÓLOGO DO «ESTADO-NOVO» E DOS CAPITALISTAS)

«Reconhece-se ao capital o direito de conservação ou amortização e do justo rendimento, estabelecendo-se que não podem prevalecer contra elle os interesses ou os direitos do trabalho.»

«O capital não está por consequência só em campo e há que rodeá-lo de medidas de protecção condicionadas pelo interesse público...»

«O capital sabe em que lei deve viver e quais as garantias que lhe dá um Estado forte e consciente da sua missão. (Discurso pronunciado no Secretariado de Propaganda Nacional, em Lisboa, em 17 de Fevereiro de 1934, perante um auditório de pessoas «bem instaladas no banquete da vida»)»

«Uma das mais graves (máximas da terra) é, seguramente, o desemprego.»

«Este problema choca e revolta todo o espirito bem formado. Singular civilização é esta, desastrado arranjo de coisas o que nos rege, que não comporta a facilidade do trabalho honesto para cada homem válido que queira ganhar o seu pão! (Da conferência realizada no Teatro de S. Carlos em 3 de Junho de 1933)»

Na URSS

DIMITROFF

(IDEÓLOGO DO PROLETARIADO)

«Camaradas: vós viestes dos países do Capital para o país da ditadura proletária, a União Soviética, que é o primeiro mas não o último Estado do proletariado mundial. (aplausos)»

«Vós tendes, e tereis ainda possibilidade de constatar com os vossos próprios olhos a diferença prodigiosa entre a situação da classe operária nos países onde domina o Capital e o fascismo, e a situação aqui, num país onde a classe operária, após ter vencido a burguesia edifica vitoriosamente o socialismo, sob a égide do glorioso Partido Bolchevique, dirigido pelo grande chefe do proletariado mundial o camarada Staline. (vivos aplausos)»

«A bandeira vermelha da revolução proletária flutua vitoriosamente em uma sexta parte do mundo. Sobre uma sexta parte do mundo o poder está nas mãos dos operários e dos camponeses, e não dos capitalistas e dos grandes proprietários...»

(Discurso pronunciado na Sala das Colunas, em Moscovo, em Maio de 1935, perante as delegações operárias dos países capitalistas que visitaram a URSS naquela data).

dos de class e do proletariado. Ao fazer isto, é preciso orientar a atenção principal para o desenvolvimento de acções de massas na base, realizadas pelas organizações de base, por meio de acções concluídas no momento.»

«Está claro que a realização concreta da frente-única nos diferentes países se realizará de maneira diferente, que ella tomará formas diferentes segundo o estado e o caracter das organizações operárias, segundo o seu nível politico, a situação concreta do país considerado, as mudanças apreciadas no movimento operário internacional, etc.»

«Estas formas podem ser, por exemplo: a acção comum combinada entre os operários de um momento para o outro, por motivos concretos, pelas reivindicações iso adas, ou sobre a base de uma plataforma comum; a acção combinada em diversas empresas ou por ramos da produção; a acção combinada na escala local, regional, nacional ou internacional; a acção combinada com vistas a organização da luta economica dos operários, a realização de acções politicas de massas, a organização da auto-defesa comum contra os ataques fascistas; a acção combinada para prestar socorro aos detidos e ás suas familias, para lutar contra a reacção-social; a acção combinada para a defesa dos interesses da juventude e das mulheres; no domínio da cooperação, da cultura, dos sports, etc., etc.»

«Os comunistas e todos os operários revolucionários devem trabalhar para a criação de organismos de classe, sem partido, de frente-única nas empresas, entre os desempregados, nos bairros operários, entre populações das vilas e aldeias, organismos estes criados por eleição (e nos países de ditadura fascista, escolhidos entre os participantes mais autorizados do movimento de frente-única)»

A frente popular antifascista

«Na obra de mobilização das massas trabalhadoras para a luta contra o fascismo, uma tarefa particularmente importante consiste na criação de uma larga frente popular antifascista, sobre a base da frente-única proletária.»

«O principal e mais decisivo factor para estabelecer a frente popular antifascista, está na acção resoluta do proletariado revolucionário pela defesa das reivindicações destas camadas e, em particular, do campesinato laborioso, reivindicações que seguem a linha dos interesses fundamentais do proletariado, e que importa combinar, no processo da luta, com as reivindicações da classe operária.»

A frente-única e as organizações fascistas de massas

«Camaradas: a luta pelo estabelecimento da frente-única nos países em que os fascistas estão no poder é, possivelmente, o problema mais importante que se nos oferece.»

«Ora a tarefa fundamental nos

Continua na 4.ª página



UMA INFAMIA

Robortada por uma manifestação "PATRIÓTICA"

ALMADA—(Envia-nos um camarada anarquista o seguinte artigo que publicamos com todo o prazer. «Avante!» órgão do proletariado está sempre ao dispor de todo o proletariado.)

No passado dia 8 de Dezembro, realizou-se na vila do Almada, uma manifestação promovida pela liga dos Combatentes da Grande Guerra, que teve por objectivo a condecoração do estandarte da mesma liga. CERIMONIA esta presidida pelo ministro da Guerra.

Esta «engraxadela» serviu de pretexto para encobrir uma infâmia praticada pelo presidente da mesma liga, que é o celebre PITEIRA tão conhecido em Almada pelas suas proezas de um autêntico facinoroso; o dito PITEIRA é célebre pelas suas agressões a pres.s principalmente proletários.

O caso é o seguinte:

Há tempo, uma pequena cujo nome não vem para o caso, apresentou-se, acompanhada por uma tia, no posto da Guarda Nacional Republicana, a apresentar uma queixa contra um soldado do Forte daquela Vila, da que tendo sido seduzida pelo dito soldado, esta negava-se agora a casar, como lhe havia prometido. Sabias camaradas, (especialmente os combatentes que nesta manifestação, se prestaram a desempenhar um papel pouco nobilitante), quasi foi a atitude do «queroso furriel PITEIRA? Em vez de suavisar a desditosa situação dessa pequena que via a sua vida destruída, e a pretexto de que a sua tia não podia assistir ao interrogatório, e ao var-se a sós com ela no seu gabinete, ainda tentou abusar da pobre pequena que alia pedir a protecção da AUTORIDADE para que esta participasse contra o seu sedutor. Em vista da atitude deste «cavaleiros», foi participado às autoridades competentes este caso vergonhoso e infame, cujo processo, segundo nos consta está correndo os seus trâmites. Ora o «senhor» PITEIRA ao ver-se envolvido num processo e por um caso desta natureza, tratou de preparar uma manifestação que brotasse de patriotismo por todos os lados e com a elegas e vigarices conseguiu os seus intentos.

Não vos fieis em cantigas, camaradas Combatentes, porque sabeis perfeitamente que se amanhã não correspondêdes ás vitórias do «Estado Novo», seréis «acarcerados» como outro qualquer cidadão.

Quereis um exemplo?

A hora em que os combatentes se entregavam a grandes manifestações PATRIÓTICAS encontrava-se preso na cadeia de Almada o ex-combatente, arruinado fisicamente pela Guerra, Júlio Braz (Ira a Lula) por ter cometido o GRANDE delito, por qualquer circunstância da sua vida, ter falado a última revista militar. E, como védes, o patriotismo, durante os oito dias que este desgraçado esteve preso, não foi levar pás ás tristes crianças que estavam rebentando com fome.

No andar inferior onde se encontrava instalada a Liga, morava uma pobre mulher, que se encontrava agonizante no momento em que se realizava a tal FESTAÇÃO. Pois o acto mais humanitário que lhe puderam prestar, foi pôr as mu-

lheres fascistas, particularmente na Alemanha e na Italia, onde o fascismo soube assegurar uma base de massas e obrigou, pela força, os operários e os outros trabalhadores a entrarem nas suas organizações, consiste em combinar judiciosamente a luta contra a ditadura fascista a partir do exterior, sapando-a interiormente, nas organizações e nos organismos de massas, fascistas. É necessário estudar, assimilar e aplicar, segundo as condições concretas de cada país, os métodos e meios particulares que contribuem para a desagregação rápida da base de massas do fascismo e preparar o derrubamento da ditadura fascista. Estas condições é preciso estudá-las, assimila-las e applicá-las, e não limitar-nos simplesmente a gritar: «Abaixo Hitler» e «Abaixo Mussolini!» Estudar, assimilar e aplicar.

Tomei, por exemplo, a Frente de Trabalho, na Alemanha, ou os sindicatos fascistas, na Italia. Não será possível exigir a eleição, em vez da nomeação, dos funcionários da Frente de Trabalho, ou insistir para que os organismos dirigentes dos grupos locais prestem contas da sua actividade ás assembleias dos membros das organizações? Não será possível apresentar, por decisão do grupo, estas reivindicações ao patrão, ao «inspector de trabalhos», aos organismos superiores da «frente de trabalho»? E

Abnegação bolchevique

Os presos de Peniche auxiliam o «Avante!»,

Tinhamos já iniciado, segundo se diz no local respectivo, a subscrição permanente a favor de «Avante!» quando recebemos a carta que abaixo transcrevemos, junta à quantia de vinte escudos que os nossos camaradas presos nas masmorras de Peniche nos enviaram.

Enche-nos de comocção e orgulho a carta do Secretariado da Célula da prisão. Entre as maiores dificuldades, passando muitas vezes fome, os nossos camaradas, como verdadeiros bolcheviques, não deixam de lutar. Lá dentro, cheios de privações não se esqueceram da luta que nos há-de levar à sua libertação. Por isso se cotizaram e cotizarão para auxiliarem decididamente a difusão do «Avante!»

Os presos de Peniche iniciaram a subscrição a favor do «Avante!» Que todos os nossos camaradas se inspirem no seu alto exemplo e saibam contribuir para a subscrição que eles com tanto «sacrifício» abriram.

Segue a carta:

«Camaradas»

«No n.º 12 de «Avante!» lêmos: «Do auxílio financeiro a prestar pelos nossos camaradas à nossa imprensa depende, em grande parte, o alargamento da nossa acção revolucionária.»

«Para nós, todos os apêlos, todas

sicas mesmo á porta executando os hinos, e naquele ambiente, a infeliz sucumbia de baixo dos maiores horrores, realizando-se o seu funeral no dia seguinte. Para muitos foi talvez um caso despercebido, mas o que pedemos afiançar é que é a realidade.

possível com a condição dos operários revolucionários trabalharem realmente na «frente do trabalho» e de procurarem obter postos nessas «frentes»

Métodos de trabalho análogos são possíveis e necessários nas outras organizações fascistas de massas — na união luteriana das juventudes, nas organizações desportivas, na organização «Kraft durch Freude», «Depois do trabalho» na Italia, nas cooperativas, etc.

Camaradas: vós lambrai-vos da antiga lenda da conquista de Troia. Troia, para se pôr ao abrigo do exército que a atacava, fez-se rodear de muralhas inabordáveis. E o exército atacante, após grandes baixas, só alcançou a vitória com o auxílio do famoso cavalo de Troia, que penetrou no próprio coração do inimigo.

Parece-me que nós, operários revolucionários, não devemos preocuparmo-nos em adoptar a mesma tática para com o nosso inimigo fascista, que se defende contra o povo com o muro vivo dos seus esganadores (aplausos).

Aquêle que não compreende a necessidade de aplicar esta tática para com o fascismo, aquêle que julga «humilhante» esta maneira de agir pode ser um excelente camarada, mas, permiti-me que vos diga, é um palrador e não um revolucionário, e não saberá conduzir as

resoluções do Partido, todas as suas decisões, constituem, no seu conjunto, a linha política que procuraremos seguir o mais estritamente possível.»

Sem dúvida, a nossa vida aqui na prisão não é desafogada. Esta mesmo muito longe de o ser. Não raras vezes temos de ficar todo o dia a café por não termos dinheiro para mais. Isto, porque o rancho é intragável, a maior parte das vezes. Alguns camaradas trazem farrapos de casacos em cima da pele; nem camisa têm. Quando arranjam alguns escudos exultamos por podermos receber a visita das nossas companheiras e filhos.»

Mas, apesar de tudo, defendemos o nosso direito de contribuir para o nosso jornal.»

São poucos os escudos que arranjam mas sabemos que todos os trabalhadores compreenderão o valor dos tostões que os presos arrancam, a bem dizer do estômago.»

Esperamos que á volta dos poucos que vos enviamos se aglomerarão centenas e milhares de escudos que farão com que o «Avante!» penetre em todas as fábricas, em toda a parte onde haja explorados.

Todos os meses os noventa camaradas da nossa célula, enviavamos-vos o produto da cotisação voluntária, que decidimos se fizesse, com o fim de auxiliar o «Avante!»

Deveis abrir uma subscrição permanente nas suas colunas pois que conosco vão contribuir milhares e milhares de explorados de todo o país»

«O Secretariado da célula da Fortaleza de Peniche»

massas ao derrubamento da ditadura fascista. (aplausos)

A luta pela unidade sindical

«...Nós afirmamo-nos resolutamente pelo estabelecimento da unidade sindical, em cada país e na escala internacional; nós somos pelo sindicato único em cada indústria nós somos pela unificação sindical em cada país; nós somos pela unificação sindical internacional por indústria; nós somos por uma Internacional sindical única sobre a base da luta de classes; nós somos pelos sindicatos de classe únicos, como redutos que são da classe operária contra a ofensiva do capital e do fascismo. Sendo assim, nós não apresentamos senão uma única condição para a unificação dos organismos sindicais: a luta contra o capital, a luta contra o fascismo e pela democracia interna nos sindicatos.»

«...Nós levemos declarar da maneira mais categórica, que o operário comunista, o operário revolucionário que não adere ao sindicato de massa da sua profissão, que não combate para transformar o sindicato reformista numa verdadeira organização sindical de classe, que não combate pela unidade do movimento sindical sobre a base da luta de classes, esse operário comunista, esse operário revolucionário não se desempenha do seu primeiro dever revolucionário (aplausos)

A Frente Única e os jovens

«A tarefa principal do movimento comunista da juventude nos países capitalistas, é a de marchar intrinsecamente na via da realização da frente-única, na via da organização e do agrupamento da jovem geração trabalhadora.»

«...As uniões das juventudes comunistas devem tender, por todos os meios, para o agrupamento das forças de todas as organizações de massa, não fascistas, da juventude indo até ao ponto de criar organizações comuns de toda a espécie, para a luta contra o fascismo, contra a espantosa ausência de direitos e a militarização da juventude, pelos direitos económicos e culturais da jovem geração, pela reunião, ao lado da frente anti-fascista, dessa juventude, onde quere que ela esteja: nas empresas, nos campos de trabalho forçado, nas bolsas de trabalho, nas casernas e na marinha, nas escolas ou nas diversas organizações desportivas, culturais e outras.

Desenvolvendo e reforçando as J.C., os nossos jovens comunistas devem trabalhar para a criação de associações anti-fascistas de uniões comunistas e socialistas de jovens, sobre a plataforma da luta de classes.»

A Frente Única das Mulheres

«É preciso encontrar as formas mais simples e mais flexíveis que permitam estabelecer um contacto e a luta comum, com as organizações femininas revolucionárias, anti-guerreiras e anti-fascistas, social democrata e progressivas.»

Devemos, custe o que custar, trabalhar de maneira que as operárias e as mulheres trabalhadoras

Continua na 5ª página



O histórico discurso de DIMITROFF no VII Congresso da I.C.

lutem, ombro a ombro, com os seus irmãos de classe, nas fileiras da frente-única da classe operária e na frente popular antifascista.

O Governo de Frente-Única

«A questão de saber se sob o terreno da frente-única, nós comunistas, preconizamos sómente a luta pelas reivindicações parciais, ou se estamos dispostos a partilhar a responsabilidade, mesmo que se trate de criar um governo sobre a base da frente-única, nós responderemos plenamente conscientes da nossa responsabilidade; sim, encaramos essa eventualidade, em que a criação de um governo de frente-única proletária ou de frente popular antifascista se torna não só possível mas indispensável, no interesse do proletariado. (aplausos) E, neste caso, interviremos, sem nenhuma hesitação, para a criação de um governo semelhante. «Que governo é esse? E em que situações se encara essa possibilidade?»

«E, antes de tudo, um governo de luta contra o fascismo e contra a reacção. Deve ser um governo formado em consequência do movimento de frente-única, e que não limite, de modo algum, a actividade do partido comunista e das organizações de massas da classe operária, mas, pelo contrário, que tome disposições enérgicas dirigidas contra os magnates contra-revolucionários da finança, e contra os seus agentes fascistas.

No momento propício, apoiando-se sobre o movimento crescente de frente-única, o partido comunista do país considerará, intervirá para a criação de um governo semelhante, sobre a base de uma plataforma antifascista determinada.

Em que condições objectivas será possível a formação de um tal governo? A esta questão pode responder-se pela forma mais geral nas condições de uma crise política, quando as classes dominantes já não estão em estado de subjugar o potente ascenso do movimento antifascista de massas. Mas isto não é mais do que uma perspectiva geral, sem a qual não será possível, praticamente, formar um governo de frente-única. Sómente a presença de condições particulares determinadas, pode inscrever, na ordem do dia, o problema da criação deste governo, como uma tarefa politicamente indispensável. Parece-me que, na ocorrência, as seguintes condições devem ser a maior atenção:

Primeiramente, quando o aparelho do Estado da burguesia está suficientemente desorganizado e paralizado, de tal forma que a burguesia não possa impedir a criação de um governo de luta contra a reacção e o fascismo;

Em segundo lugar, quando as largas massas trabalhadoras, e particularmente os sindicatos de massas se levantam impetuosamente contra o fascismo e a reacção, mas não estão ainda dispostas a levantarem-se além de lutar, sob a direcção do partido comunista, pela conquista do poder soviético;

Em terceiro lugar, quando a diferenciação e a evolução para a esquerda, nas fileiras da social-democracia e dos outros partidos que participam na frente-única, já chegou ao resultado de uma frente

considerável de entre eles, exigindo medidas implacáveis contra os fascistas e os outros reaccionários; lutar em comum com os comunistas, contra o fascismo, e intervir abertamente contra a porção reaccionária do seu partido, hostil ao comunismo.

«Ajudar os milhões de trabalhadores a compreenderem, o mais depressa possível, pela sua própria experiência, o que lhes falta fazer para encontrarem a saída decisiva e qual o partido que merece a sua confiança, — eis para que são necessárias, entre outras, as palavras de ordem transitórias, assim como as formas particulares de transição ou de aproximação, para a revolução proletária. De contrário as grandes massas populares, que recebem o contacto das ilusões e das tradições democráticas pequeno-burguesas, podem, mesmo em presença de uma situação revolucionária, hesitar, temporisar e errar, sem encontrarem o caminho da revolução — para caírem, em seguida, sob os golpes dos carrascos fascistas.

«Eis porque encaramos a possibilidade de criar, nas condições de uma crise política, um governo de frente-única antifascista. Na medida em que esse governo empreenda, realmente, a luta contra os inimigos do povo, conceda a liberdade de acção à classe operária e ao partido comunista, nós, comunistas, apoia-lo-hemos por todos os meios e, como soldados da revolução, bater-nos-hemos na primeira linha. Mas, diremos abertamente às massas:

Este governo não pode trazer a SOLUÇÃO DEFINITIVA. Ele não está em estado de derrubar a dominação de classe, dos exploradores, e é por isso que não pode afastar definitivamente o perigo da contra-revolução fascista. Por consequência, é necessário prepararmonos para a revolução socialista! Só, e nada mais do que o poder soviético trará a solução!

A Luta Ideológica contra o Fascismo

«Um dos lados mais fracos da luta antifascista dos nossos partidos consiste em não reagirem suficientemente, e em tempo oportuno, contra a demagogia fascista, continuando até agora a considerarem com desdém as questões da luta contra a ideologia fascista.

«Os fascistas remechem toda a história de cada povo para se apresentarem como herdeiros e continuadores de tudo quanto tem havido de sublime e de heroico no passado; de tudo o que houve de humilhante e de injurioso para os sentimentos nacionais do povo servem-se eles como arma contra os inimigos do fascismo. Na Alemanha editam-se centenas de livros com um único fim: falsificar, segundo a maneira fascista, a história do povo alemão.

«Os comunistas que consideram que tudo isto não diz respeito à causa da classe operária, que não fazem nada para esclarecer, de uma maneira justa sob o ponto de vista histórico — no verdadeiro sentido marxista, leninista-marxista, leninista-stalinista, — as massas trabalhadoras sobre o passado do seu próprio povo, para unir a sua luta actual.

«As suas tradições e ao seu passado revolucionário, estes comunistas

abandonam voluntariamente as falsificações fascistas, tudo quanto há de preciso no passado histórico da nação, para que os fascistas possam ridicularizar as massas populares (aplausos)

«Nós comunistas, somos os adversários irreconciliáveis, por princípio, do nacionalismo burguês em todos os seus aspectos. Mas não somos partidários do nihilismo nacional, e não devemos nunca afirmar-nos como tal. O problema da educação dos operários e de todos os trabalhadores no espírito do internacionalismo proletário é uma das tarefas fundamentais de todo o partido comunista. Mas os que pensam que isto lhes permite estarrarem, e até, que os obrigue a escarrarem, sobre todos os sentimentos nacionais das grandes massas trabalhadoras, estão longe do bolchevismo autêntico; dão mostras de nada terem compreendido da doutrina de Lênine e de Staline sobre a questão nacional (aplausos)

«Eu penso, camaradas, que agi com justa no processo de Leipzig, tomando a defesa da honra nacional das massas trabalhadoras desse povo que luta abnegadamente contra os usurpadores fascistas, esses verdadeiros bárbaros e selvagens, quando os fascistas alemães tentando caluniar o povo búlgaro como sendo um povo bárbaro, (vivas e aplausos prolongados) e quando declarei que não tinha nenhuma razão para ter vergonha de ser Búlgaro e que, pelo contrário, me sentia orgulhoso de ser filho da heroica classe operária búlgara.» (aplausos)

O Reforçamento dos Partidos Comunistas

«A frente-única do proletariado colocou na frente um exército de operários que poderá desempenhar-se da sua missão se a cabeça desse exército se encontrar uma força directora que lhes mostre os fins e os meios. Essa força directora não pode ser outra senão um sólido partido revolucionário proletário.

Quando nós, comunistas, fazemos todos os esforços para estabelecer a frente-única, fazemo-lo, não sob o ponto de vista acanhado de recrutamento de novos aderentes para o partidos comunistas. Mas devemos reforçar, por todos os meios os partidos comunistas e aumentar os seus efectivos, precisamente porque desejamos reforçar seriamente a frente-única.

«A unidade, e a acção revolucionária e a combatividade dos partidos comunistas é um capital dos mais preciosos, que não nos pertence mas sim a toda a classe operária.

Na actual situação, o sectarismo suficiente, conforme o qualificamos no projecto de resolução, entrava, antes de mais nada, a nossa luta pela realização da frente-única. O sectarismo, satisfeito com o seu espírito doutrinario acanhado, com o seu isolamento da vida real das massas; satisfeito com os seus métodos simplificados para a solução dos problemas mais complexos do movimento operário, tendo por base esquemas estereotipados sectarismo que pretende ser omnisciente e que julga superfluo matricular-se na escola das massas e assimilar as lições do movimento operário numa palavra, o sectarismo que, confortado em se diz, não duvida de coisa al-

guma. O sectarismo suficiente não quer nem pode compreender que a direcção da classe operária não se obtém automaticamente. É preciso conquistar o papel dirigente do partido comunista nas batalhas da classe operária. Portanto não se trata de discutir sobre o papel dirigente dos comunistas, mas sim de, através de um trabalho de massa cotidiano e de uma política justa, merecer conquistar a confiança das massas operárias.

Camaradas: não pouques nas nossas fileiras os elementos doutrinaristas que, na política da frente-única, não farejam sempre e em toda a parte, mais do que perigos? Para esses camaradas toda a frente-única não é mais do que um perigo contínuo. Mas este «espírito de princípios», sectário, não é outra coisa senão a impotência política ante as dificuldades de direcção imediata da luta das massas.

«O sucesso da luta pelo estabelecimento da frente-única exige, necessariamente, uma luta constante, nas nossas fileiras, contra a tendência a fazer diminuir o papel do partido, contra as ilusões legalistas, contra a orientação para a espontaneidade e para o automatismo, tanto no que respeita à liquidação do fascismo como no que respeita à realização da frente-única contra as menores hesitações no momento da acção resoluta.

CONCLUSÃO

Camaradas:

Há sábios que julgam ver em tudo isto um afastamento das nossas posições de princípio, uma certa inclinação para a direita, vis-à-vis da linha do bolchevismo. Que quereis! Na minha terra, na Bulgária, diz-se que uma galinha esfomeada só pensa no milho. (Risos e vivos aplausos).

Deixemos as galinhas políticas pensar o que lhes aprouver. (Risos e vivos aplausos)

Isso interessa nos bem pouco. Para nós, o que interessa são os nossos próprios partidos e que as grandes massas do mundo inteiro comprendam de uma maneira justa aquilo a que aspiramos.

Não seríamos marxistas revolucionários, leninistas, os dignos discípulos de Marx, Engels, Lênine e Staline, se, segundo a situação mudada e as transformações ocorridas no movimento operário mundial, não recompossemos de maneira apropriada, a nossa política e a nossa tática.

«Nós desejamos que os nossos partidos, nos países capitalistas, intervenham e ajam como verdadeiros partidos políticos da classe operária; que eles desempenhem, realmente, o papel de factor político na vida dos seus países; que conduzam sempre uma política bolchevique, activa, de massa, em lugar de se limitarem somente à propaganda, à critica e aos apêlos frustrados à luta pela ditadura do proletariado.

«Nós desejamos arrastar massas cada vez maiores à luta revolucionária de classe, e conduzi-las à revolução proletária, partindo dos seus interesses e necessidades prioritantes e sobre a base da sua própria experiência.

«Nós desejamos que em cada

Continua na 6ª. página

O Fascismo alemão em decadência

Ao mesmo tempo que anunciava, por todo o mundo, ter vencido o comunismo, o nazismo queria vencer todos, á força, de que a sua situação era próspera, que a crise, essa malvada crise, não era mais que uma criação dos judeus e dos seus TEMIVEIS ALIADOS, os comunistas.

Porém, como dizia Lênine, a vida é muito teimosa; a marcha da sociedade capitalista não segue por onde lhe apontam os gritos históricos de Goebbels ou a senda sanguinolenta das vítimas dum Goering.

A crise não se comina com discursos, como o comunismo não se vence com torturas e assassínios. Na Alemanha, o movimento comunista é cada vez mais forte e a crise manifesta-se, lá, com a maior violência. As agências telegráficas declaram-no e é o próprio Hitler quem o confirma.

Num telegrama de Berlim de 30 de Novembro a Havas diz que «As massas nazis inquietam-se com o luxo de que se rodeiam certos dirigentes» e que «O inverno está á porta e anuncia-se rigoroso. Novos sacrifícios vão ser pedidos á população». Calculam os círculos oficiais que o desemprego sofra um aumento de 1 milhão e meio de indivíduos»

Hitler num discurso a que se refere o telegrama «aludiu ás atuais dificuldades». Claro que não desanimada, e interpreta a miséria do povo com toda a facilidade: «Temos ainda hoje problemas a resolver e FELIZMETE que assim é, pois doutro modo a vida não teria interesse.»

Para Hitler, a miséria catastrófica da Alemanha é um bem porque vê-nos a maneira de «d r interesse á vida.»

A demagogia hileriana atingiu o desfôrço dos loucos e dos perdidos: Supõe que as suas fanfarronadas e os seus crimes deterão as massas exploradas que lutam pelo Pão, Terra e Liberdade sob a chefia do glorioso Partido de Thaelman.

O DISCURSO DE DIMITROFF

(Continuado da 5ª página)

país os comunistas disparem em tempo oportuno e utilizem todos os ensinamentos da sua própria experiência, como guarda avançada revolucionária que são, do proletariado. Nós desejamos que eles aprendam rapidamente a nadar nas águas tumultuosas da luta de classes, em vez de ficarem á margem, como observadores registando as vagas que sobem e á esperã de melhores tempos.

Eis o que nós queremos!

E nós queremos os tudo isto porque só assim a classe operária, á cabeça de todos os trabalhadores, fundidã nam exército revolucionário com a força de milhões de combatentes, guiado pela Internacional Comunista e possuindo esse grande sábio timoneiro que é o nosso chefe e camarada Staline, poderá desempenhar-se com segurança dessa missão histórica — varrer da face da terra o fascismo e, com elle, o capitalismo!

NA URSS

A INSTRUÇÃO NA URSS

A URSS é, já hoje, o país em que a instrução está mais desenvolvida. Está lá hoje posto em prática o ensino secundário (escola de 10 anos) OBRIGATORIO.

Os seguintes números indicarão os extraordinários progressos realizados, que só a construção vitoriosa do Socialismo permite.

Em 1913 havia nas escolas primárias e secundárias russas, 8 milhões de alunos; em 1929, esse número era de 11 milhões; em 1934, depois da realização do 1.º plano quinquenal, as condições da vida soviética permitiram o ensino de 23,5 milhões de crianças.

Os números são impressionantes porém massivos demasiado. Vejamos mais particularmente: Nas repúblicas nacionais da Federação das repúblicas russas (a parte mais importante da URSS) o ensino era, no tempo do Izarismo, privilégio de poucos ou nenhuns e dado em lingua estranha: o russo. Hoje, o ensino é feito na lingua da região e os cidadãos que merecem esses povos outrora escravizados, evidenciam-se no crescimento que o seu ensino secundário teve de 1928 a 1933.

Assim, em relação ao primeiro daqueles anos, o número de alunos nas escolas secundárias cresceu: No Daghestan — 3 vezes; na República Tártara — 4 vezes e meia; na República Yakute — 5 vezes e meia; na República Kirghize — 6 vezes e meia.

O plano geral da reconstrução de Moscovo em 10 anos, prevê um aumento de duas vezes da histórica Praça Vermelha. Depois da reconstrução, esta praça será uma das mais belas do mundo.

A célebre igreja de S. Basílio continuará no seu lugar.

Duma maneira geral, convem lembrar, na reconstrução de Moscovo, todos os monumentos históricos e arquitectónicos do passado serão conservados.

Em 16 de Agosto terminou, em Moscovo, o Congresso Internacional de Fisiologia. Este Congresso foi o maior da sua especialidade até hoje. Tomaram nele parte 1500 sábios, dos qua s 600 eram soviéticos. Em diversas alocações e entrevistas e discursos radiodifundidos, esses sábios estrangeiros exprimiram a sua admiração. O Dr. Osear Riddle, do Instituto Carnegie de Washington (E. U. da America) declarou que duas ceusas tinham, sobretudo, impressionado os sábios estrangeiros: primeiro, o número cada vez maior de jovens dos dois sexos que se dedicam ás ciências; segundo, o vasto auxilio que o governo soviético dá á fisiologia e outras ciências.

O professor Alpeto (Australiã) declarou que o Instituto de morfogenese de Moscovo é O MELHOR DO MUNDO.

O doutor Sherwood Eddy, chefe do movimento cristão americano, fez uma conferência em Londres, no regresso da sua décima segunda viagem á URSS. Nela expôs os ma-

na educação pré-escolar (ignorada na Rússia tsarista e quasi desconhecida em Portugal) também os progressos foram extraordinários. No fim do 1.º plano quinquenal havia 5.200.000 crianças que recebiam essa educação em 5.750 jardins de infância e 27.000 creches.

Não se pense, porém, que só as crianças das cidades merecem a atenção do regime soviético. Nos Kolcoses e Sovkoses, foi enorme o número de crianças que frequentaram os jardins de verão. Em 1930 (antes do colectivização em massa da agricultura) havia aí 750.000 crianças; em 1934 (com a colectivização quasi integral) esse número já era de 3.750.000

Digamos, ainda, que há 45 jornais e 20 revistas infantis, assim como 68 teatros de actores e 55 de «marionettes» e 90 cinemas a elas destinadas não contando os inúmeros escolares.

E, para finalizar, não esqueçamos que as crianças soviéticas têm a mais numerosa e forte organização de todo o mundo: a Federação dos Pioneiros, com 9 milhões de filiados e uma real acção na vida e lectiva socialista.

No Mundo Novo do Socialismo, o carinho pelas crianças é uma realidade e um simbolo da Nova Humanidade. Com os olhos firos na juventude soviética lutarão os trabalhadores do mundo inteiro.



ravilhosos e rápidos progressos no domínio da educação, da reeducação de criminosos e da supressão da prostituição.

Segundo dados do Commissariado do Povo para a Agricultura, os kolcoses da Ucrânia registaram 68.000 novas adesões durante o terceiro trimestre do corrente ano. Na região do Dniepropetrovsk estão colectivizadas 97% das granjas e 95% nas regiões do Dniez e Olessa.

Os jornais soviéticos dão detalhes interessantes sobre a fabricaçã de automóveis na URSS. Já se pode afirmar que as fábricas de automóveis ultrapassarão o seu plano de 1935. Avalia-se a produção em 95.000 automóveis, ou seja mais 3.000 do que os fixados no plano. Para o ano de 1936, prevê-se uma produção de 110.000 automóveis.

As novas oficinas da fábrica «Staline», de Moscovo, estarão terminadas dentro em breve.

A fábrica «Motozov», em Gorki, trabalha já a um ritmo nunca alcançado. Nesta fábrica, don e saiam habitualmente 148 automóveis por dia, produzem-se, actualment e, 180, 185 e mesmo 190.

Além destas continua a construção de novas fábricas gigantes em Yaroslav, Knibyehev, Stalinegrado, etc.

Tod s as quintas feiras, ás 10 horas da noite, a estação «Rádio Central de Moscovo», radiodifunde em português na onda longa de 1724 metros e na onda curta de 50 metros.

No "Paraíso" nazista

Há muito, que em todo o mundo se conhecia a bestialidade dos facionas que dirigem e mantêm a ditadura fascista na Alemanha. Nunca, todavia, até hoje se tinha apresentado um documento oficial que viesse confirmar o horror inacepitável da vida que se passa na Alemanha. Por isso hoje apresentamos algumas das alíneas do regulamento dum campo de concentração hileriano. Testimando não poderemos fazer a sua integral publicação. Os leitores que o desejarem conhecer totalmente devem procurá-lo no «Arquivo Nacional» n.º 203 de 27 de Novembro do corrente ano.

Da autenticidade do documento não diremos senão que é publicado nessa revista cujo director, Rocha Martins, se tem distinguido em campanhas anticomunistas nessa mesma publicação.

Apontamos alguns paragrafos:

§§ 1 a 5

Será castigado com três a oito dias de prisão rigorosa: Os que se tornarem culpados de faltas, tais como não se terem levantado ao primeiro sinal, não se apresentarem com os cabelos e unhas regularmente, etc.

§ 6

Será castigado com oito dias de prisão rigorosa, com várias semanas de trabalhos forçados e com vinte e cinco chibatadas, no principio e no fim do castigo:

Aquêle que se permitir reflexões irónicas ou de debochos a respeito de um S.S. (membros das secções de protecção); aquêle que voluntariamente se dispensar dos cumprimentos prescritos, etc.

§ 8

Será castigado com catorze dias de prisão rigorosa e com vinte e cinco chibatadas no principio e no fim do castigo:

Aquêle que nas suas cartas, se entregar a reflexões para Hitler, o Estado, o Governo; quem, em qualquer das suas cartas, afirmar de novo que está inocente.

§ 9

Será castigado com vinte e cinco dias de prisão rigorosa:

Aquêle que receber dinheiro proveniente de subscrições proibidas ou do Socorro Vermelho, ou qualquer outra organização ou que distribua esse dinheiro aos outros presos; aquêle que incitar outros presos a fazer a greve da fome.

§§ 10 e 11

Será pelo DIREITO REVOLUCIONARIO enforcado: Aquêle que, no interior do campo ou nos lugares de trabalho para fins de revolta proferir frases politicas e agressivas, tiver encontros com outros para esses fins; o que tentar pôr-se em relação com o exterior.

§ 16

Será fuzilado por um S.S. cu pelo posto de S.S. mais próximo: O que, depois do apagar das luzes, se encontrar noutro lugar diverso daquêle que lhe foi destinado.

Como esclarecimento, diremos que em todos os campos de concentração alemães apenas se encontram inimigos politicos do nazismo.

E' num país que tem um regimen prisional destes que vai ser julgado Thaelmann! E' neste ambiente que um «tribunal do povo» (!) vai realizar o julgamento do chefe do anti-fascismo alemão!

Solidariedade anti-fascista INTERNACIONAL

O semanário português de New-Bedford, «O Colonial», — o jornal português de maior circulação nos Estados Unidos — publicou, com data de 18 de Outubro, na 1.ª página, um apêlo dos prisioneiros de Angra, dirigido a todos os trabalhadores portugueses residentes na América do Norte.

Sob o título de «Vozes do cárcere», o «Colonial» faz preceder o referido apêlo de sentidas palavras de revolta. Nesse preâmbulo se diz: «Vibrantes como lâminas incandescentes de espadas de Justiça, chegam até nós as dores dos infelizes inocentes encarcerados nas masmorras dos camalhões ditadores portugueses».

«Não é já o eco longínquo e confuso que nos passa, quasi indistinto pelos ouvidos dum clamor que se extingue pela distância, mas os gritos directos e potentes dos sofrimentos e torturas que uma casta de janizários sem alma nem consciência, aplica aos desgraçados cujo crime é pensar diferente do que o pensar deles; cujo crime é o amor da liberdade: de pensamento e acção...»

Como se vê os trabalhadores portugueses dos Estados Unidos estão ao lado dos seus irmãos de Portugal e estigmatizam com violência a tropa-fandanga do «Estado-Novo», que tantos crimes tem cometido e que continuará cometendo.

Um grupo de intelectuais anti-fascistas estrangeiros, entre os quais avulta o nome de Pierre Cot — antigo ministro do Ar, da Marinha, do Trabalho e da Indústria —, enviaram ao Presidente da República e ao Presidente da Assembleia Nacional, o seguinte telegrama:

«Permitimo-nos solicitar-vos a libertação do escritor António Sérgio, e para assegurar a protecção da vida dos anti-fascistas». (Seguem-se as assinaturas)

Aqui está um telegrama que o Ferro e o seu «Secretariado de Propaganda» não divulgará à população portuguesa:!

Os anti-fascistas de todos os países estendem fraternalmente as suas mãos aos anti-fascistas portugueses e revelam o seu alto espírito de dignidade humana. Que o «Estado-Novo» fique sabendo que o grito contra as suas atrocidades contra os seus crimes e as arbitrariedades encontra eco no coração e na inteligência dos que, além fronteiras, representam aquilo que há de mais nobre, mais culto e mais elevado do pensamento humano.

Sómente através da luta constante contra os atropellos, os crimes e as brutalidades do «Estado-Novo» conseguiremos alcançar vitórias decisivas.

Cuidado com ele!

JOÃO DE OLIVEIRA, marceneiro, actualmente ao serviço da Polícia de Informações.

Tem officina, em Lisboa, na Rua de S. Marçal N.º 25 e 27, deixando a sua gerência entregue ao sócio.

Dizia-se, em tempos, «revolucionário». E' de estatura baixa e pára muito pelo «Café Nicola».

LIERTAI BENTO, SOUSA e Julio Fogaça!

Já há mais dum mês que foram presos estes nossos camaradas e, ainda hoje, nada sabemos do seu destino. Calculamos as torturas a que os terão submetido! Muito embora torturados até à morte, sabemos-lo bem, portar-se-ão perante a miserável policia assassina de Salazar, como heróicos soldados da Internacional Comunista, como verdadeiros bolcheviques, dignos discípulos de Lenine e Staline! A policia sabe-o perfeitamente. E não são já informações que ela procura, mas a vingança sádica, torturadora, de cães de fila que não conseguem derrubar o Partido do proletariado.

Não sabemos onde param os nossos camaradas. Vivos? Mortos? Tudo ignoramos. Sabemos, apenas, que há mais dum mês perdemos todas as notícias a seu respeito, que há mais dum mês os têm submetido ao mais cruel tratamento.

A Policia de Informaçoes não descega. Impotente para vencer o Comunismo que avança, o Partido Comunista que cada vez se prende mais às massas exploradas — vencerá cobardemente, pelas torturas, a saúde e a vida dos mais dedicados militantes do Partido. Vencerá... e não lhes acudirão com os nossos protestos. Se não movimentarmos em favor dos nossos presos toda a actividade dos nossos camaradas, simpatizantes anti-fascistas.

Os protestos contra a prisão e incomunicabilidade de José de Sousa, Bento Gonçalves e Fogaça já começaram a sua defesa.

Assim, no Liceu da Guarda, os estudantes abandonaram as aulas, durante meio dia, em sinal de pro-

testo; os presos do Aljube editaram um número especial do seu jornal de frente-única, o «Esfôrço», em que mostravam o proceder criminoso da Ditadura e seus rafeiros policiaes, e terra inava com as palavras de ordem: — «Basta de vítimas! José de Sousa e Bento Gonçalves têm de ser libertados!»

Em Lisboa foi imediatamente editado um apêlo do C.C. publicado no «Avante!», um manifesto do SV, dois da CIS e um outro do P. de que se fez ampla distribuição, inclusivé no próprio Rozio.

Simultaneamente, foram enviados protestos ao Governo.

O CC do P., o CR de Lisboa, várias localidades dos CR do Oeste e da Guarda, as Juventudes Comunistas, o SVI, todos protestaram junto do Governo.

No estrangeiro, poucos dias depois da prisão dos nossos camaradas, «L'Humanité», orgão central do PC Francês, noticiava o facto e juntava-lhe um protesto contra essa brutal violência.

Entretanto o que se fez (e de que já temos conhecimento) é pouco, é pouquissimo ainda. E' urgente que todas as organizações se ponham em actividade, mobilizem e impulsionem os protestos, despertem em todos os anti-fascistas a repulsa pelas violências que estão torturando os nossos queridos camaradas.

Só assim, correndo em seu auxilio, conseguiremos arrancá-los às torturas inflames que os atormentam. Só assim conseguiremos fazer recuar a violencia criminosa da Policia de Informaçoes!

O Ferro desmascarado

Todos os trabalhadores portugueses sabem que a desvergonhada campanha a favor do Estado-Novo, que todos os dias enche colunas de vários jornais estrangeiros, é paga com o dinheiro roubado ao povo português. Serve de intermediário o Secretariado de Propaganda.

Os documentos faltam quasi sempre para comprovar as afirmações que se deduzem dos factos.

Agora, um jornal brasileiro, «A Manhã» de 27 de Outubro deste ano, publica a fotografia de uma carta dum tal senhor Alberto Brannão para o dirigente de um outro jornal brasileiro, «O Diário Português». Diz-se nela:

«Confiei-nos ontem com o Ferro sobre a sua proposta para uma verba em compensação de serviços de propaganda do país... estabelece-se já, em principio, a garantia de transação, concordando com a verba de um conto até ao próximo ano económico... A minha opinião é que a verba, realmente, é excessivamente resumida;... por enquanto fica dispensada a pagina semanal de propaganda turistica, obrigando-se o jornal a publicar as locais que o Secretariado lhe enviar, de intenção e finalidade politica, e claro, dentro das CONVENIENCIAS JORNALISTICAS, de forma a NÃO PARECER QUE O JORNAL E' ORGÃO de qualquer parcialidade, porque isso lhe tiraria uma boa parte do prestigio que a SUA INDEPENDENCIA lhe dá.»

E' neste miseravel sistema de corrupção que assenta a demagogia salazarista tão bem paga pelo misterio do povo português.

Os simpatizantes E O PARTIDO

(Continuação da 2ª pagina)

nosso trabalho.

Os simpatizantes que metódicamente fazem a difusão do «Avante!», outros que conhecedores das nossas palavras de ordem, fazem com elas a maior agitação, divulgando-as, inscrevendo-as nas paredes e muros.

Há camaradas simpatizantes que adquirem livros e revistas e fazem com elles a maior propaganda até em agrupamentos de massas, como fábricas e associações desportivas.

Tudo isto, auxilia o nosso trabalho mas não tem sido sistematizado até aqui.

Impõe-se que todos que não estão no Partido por a sua vida não lho permitir, ou por temerem as consequências da ilegalidade, não deixem de trabalhar revolucionariamente.

Em primeiro lugar, o simpatizante deve obedecer às regras do trabalho clandestino: não ser TALLADOR nem CURIOSO ou IMPRUDENTE, deve procurar contacto permanente com pessoa em relações com o Partido. Depois disso, formado um grupo de simpatizantes, deve CADA UM DELES procurar influenciar as pessoas com quem convive. Sobretudo, deve fazer penetrar a nossa agitação e propaganda, a nossa imprensa, auxiliar as nossas subscrições, o SVI, etc.

Um caso especial deste trabalho dá-se com os nossos simpatizantes intelectuais, estudantes, etc. Estes devem sobretudo vencer as tendên-

LIBERTEMOS

os deportados de Angra!

Continuam presos 18 anti-fascistas que já cumpriram as suas condenações!

Os grandes «moralistas» do Estado-Novo continuam surdos. Os nossos camaradas da Angra que já cumpriram as suas condenações, continuam, em número de 18, a estar deportados e sujeitos a um regime prisional, de deportação, miserável.

Os protestos dos anti-fascistas de Portugal e do estrangeiro têm «chevido» nos gabinetes ministeriais. No entanto os carcereiros fascistas ainda não os ouviram.

Há que reforçar, portanto, a nossa acção anti-fascista, arrgando-a, conquistando cada vez camadas mais vastas de toda a população. A população portuguesa, do Norte ao Sul do país, deve conhecer bem esse caso ignóbil da «justiça» salazarista.

A este caso de flagrantíssimo banditismo, do Estado-Novo — a conservação dos presos nas cadeias apesar de já terem cumprido as suas condenações — devemos juntar a narração dos sofrimentos de que são vítimas, nessa ilha distante, da Terceira — encarcerados tumularmente na Fortaleza de S. João Batista — cerca de 200 presos políticos.

A «equipa» de carcereiros, mercê da agitação que se tem levado a efeito, já foi modificada. No entanto o sinistro capitão Paz, lá continua no seu posto de cerbéro, sempre odioso e provocador.

Os novos carcereiros que para ali foram PARECE — pelo menos até agora... — usarem de maneiras mais civilizadas do que os seus antecessores.

A situação dos presos, porém, mantém-se péssima. A antiga falta de higiene foi agora prejudicada com o facto de obrigarem os presos a cozinhar nas suas refeições nas próprias casas onde habitam.

Outro aspecto, não menos revoltante, da «justiça» salazarista está no facto de viverem deportados, em Angra, alguns anti-fascistas que o Tribunal condenou sem prisão no lugar de deportação. São eles: — Francisco Chapuz, Joaquim Rodrigues, Militão Ribeiro, João Selgueiro, Adelino Teixeira Pires, Manoel de Oliveira e Armando Faustino de Figueiredo.

A acção decidida de protestos e de agitação das grandes massas laboriosas do país, a realização da unidade de acção e o ardor combativo de todos os comunistas — como factor essencial — devem arrancar às rochas da Angra os 200 deportados, nossos irmãos da luta anti-fascista.

... cias de desordenação de tantos dos nossos amigos, neste meio, devem dedicar-se ao esclarecimento de tantos que, desconheedores dos documentos da Internacional Comunista e do Partido, são levados a desvios cujas consequências ignoram. Também deverá preoccupar a sua acção junto das pessoas em que a sua cultura tem a influencia necessária para as convencer da justiça e valor real da politica comunista.

TODOS OS SIMPATIZANTES AGRUPADOS NUM TRABALHO METÓDICO!

POR UMA ACTIVIDADE BOLD-CHEVIQUE!



As massas lutam e vencem!

(Continuado da 1.ª página)

lências exercidas mais incitam os nossos camaradas a lularém!

Homens, mulheres e crianças choram por não poderem vingar-se.

O administrador vê que as suas forças da guarda não chegam para conter o povo e, com um grupo de guardas republicanos que lhe é enviado da Fortaleza, consegue enviar sob escolta, os mestres para a prisão.

Tudo já estava aquietado, quando começa a repressão governamental. Chegam reforços de Lisboa e vários lados: um esquadrão da GNR, 3 camionetas de Polícia e 10 melralhadoras e, à noite, dá entrada na Vila a Polícia de Informações em 4 automóveis.

Inicia-se o terror! A Associação Comercial é obrigada a tirar a sua bandeira que estava a meia-haste pela morte do camarada marítimo. São suspensas as garantias desde as 9 da noite às 6 da manhã. São presas 50 pessoas que 3 dias depois o Governador civil manda soltar. O governo, ante o formidável movimento das massas, dá ordens no sentido de se não agravar a situação. Todavia as agressões já estavam feitas: A Polícia de Informações, com o célebre Alcântara à frente, espancava bárbaramente o marítimo Francisco Carêca, até lhe fazer perder os sentidos.

Mas os sacrifícios do povo de Peniche, a sua luta, o sangue corrido, não foram inúteis. Além da libertação dos presos detidos para averiguações, conseguiu-se que a pressão das massas, o temor de novos conflitos forçasse o Governo a amnistiar os mestres das traineiras e a decretar, em 23 de Novembro, a licença de os barcos poderem ir para o mar imediatamente. Além disso, as multas que tinham sido impostas aos armadores, «atendendo à crise que atravessa a indústria da pesca em Peniche» (só agora os canalhas o vêem!) podem ser pagas, diz o decreto, em 12 prestações mensais.

O QUE AS VARIAS COMISSOES DE ARMADORES, O QUE OS EMPENHOS DE MEMBROS INFLUENTES DA UNIAO NACIONAL NÃO CONSEGUIRAM, FOI OBTIDO PELA LUTA COMUM DE TODOS OS TRABALHADORES!

Neste momento em que a crise interna do fascismo português nos põe na iminência de novas grandes lutas, no momento em que a situação mundial nos faz prever um agravamento de todas as condições de vida do proletariado, em que a guerra pode surgir dum momento para o outro — o exemplo dos nossos camaradas de Peniche é uma alta lição. Ele mostra a todos os trabalhadores que é possível lutar contra o fascismo. Mostra que as lutas parciais em defesa dos interesses comuns, podem ehamar todos os explorados à luta comum. Dá-nos a certeza de que pela generalização dessas lutas, pela sua direcção, o Partido Comunista pode, quando saiba ser a expressão dos interesses da população explorada, guiá-la ao derrubamento da Ditadura fascista.

Por isso, inspirando-se na lição dos nossos camaradas pescadores deverão todas as organizações do nosso Partido, marchar à defesa do povo trabalhador, contra a miséria do estado corporativo.

O "PAPÃO COMUNISTA" OU DEVIDE ET IMPERA

Os boatos ultimamente aparecidos versam sobre dois assuntos de extrema importância: a frente popular das forças anti-fascistas e a luta pelo derrubamento do governo e tólico-fascista de Salazar. Convém deter-nos-nos na análise de um e de outro boato, e, ao mesmo tempo estudarmos qual o significado de uma nota do Ministério da Guerra, enviada a todos os comandos das várias unidades militares, sobre «uma próxima revolução comunista».

A unidade de acção para o derrubamento da ditadura é, hoje, uma forte aspiração de todos os antifascistas sinceros, quer sejam republicanos, quer sejam anarquistas, ou mesmo sem partido. As grandes massas populares tendo por base a sua própria experiência e a experiência de outras nações, já antevêm na unidade de acção o único meio de assentar golpes mortais no fascismo salazarista. No entanto, há muitos republicanos, sobretudo oficiais do Exército, que ainda se deixam tentar pelos perfídios cantos da serpe salazarista, e receiam dar um passo em frente, resolutamente, no caminho da emancipação da população inteira de um país que suporta, há cerca de dez anos, o esporão aguçado da reacção salazarista.

As demarches que o Partido Comunista tem feito, no caminho da realização da frente anti-fascista, não caíram inteiramente em «saco rto». Certos sectores republicanos começam a compreender que os convites do nosso Partido não mascararam propósitos reservados. Daí o reforço da luta anti-fascista e do ânimo combativo de muitos pioneiros da liberdade.

Devemos, porém, esclarecer as massas, anti-fascistas, dizendo-lhes que apsar dos sucessos já obtidos no caminho da frente popular, estes ainda não atingiram aquele ponto que seria para desjar; em primeiro lugar porque ainda reina uma certa confusão sobre a forma e conteúdo dessa frente, e em segundo, porque a perspectiva de realização dessa frente assusta desmedidamente Salazar e seus apaniguados, obrigando-os a tomarem atitudes de poltrões e a esgrimirem com a sua própria debilidade. E' o caso da nota do Ministério da Guerra a que fazemos referência, sobre a pretensão «revolução comunista».

Nos países, como na França e na Espanha, onde existem fortes correntes políticas organizadas, constata-se uma rápida diferenciação entre as forças que se unem para combater o fascismo e defender o que resta das liberdades democráticas, e as inimigas, que também se agrupam para tentarem impôr regimes de «força» — melhor chamados de opressão, de regressão espiritual e de espoliação desenfreada das camadas laboriosas.

Em Portugal, se bem que o único partido organizado e desenvolvido uma luta anti-fascista consequente, seja o Partido Comunista, EXISTEM TENDENCIAS E INFLUENCIAS POLITICAS determinadas, em cujo seio se manifesta igualmente um processo de diferenciação entre os que pretendem integrar-se na corrente anti-fascista, na luta pelo Pão pela Paz e pela

liberdade, e aquê es que se aproximam cada vez mais do atoleiro fascista, do lado das forças maioreaccionárias e mais bestiais que detêm o poder.

Seria pecar por grande esquematismo se não collocassemos entre estes dois campos que se extremam, a imensa legião dos indecisos, daqueles para quem os problemas escaldantes da actualidade constituem um complicado xadrez. E' a estas camadas indecisas que o salazarismo dedica, ou os seus cantos de sercia, ou os seus gritos furiosos de besta mal ferida.

DEVIDE ET IMPERA — divide se queres reinar — é tática antiga lançada por Maquiavel, e que mais tarde serviu à corrupta Catarina de Médicis e aos abutres jesuítas.

Salazar e seus apaniguados não ignoram, nem deixam de empregar, a tática querida dos seus «mestres» da Companhia de Jesus, sempre que os ares andam turvos e o céu político coberto de nuvens.

Nes «copos de água» e em todas as sessões políticas, mais ou menos espectaculosas, Salazar não deixa de frizar que o movimento comunista foi «irrevogavelmente» aniquilado. Quando, porém, se fala em «revirralho», quando se esboça uma grève ou um movimento que já não pode passar silenciado, o mesmo Salazar aparece novamente com ares sizados a recomendar cautela e a agitar o papão comunista.

Ele sabe bem que esse papão ainda tem o poder de assustar muitos elementos, mesmo liberais e democratas.

E qual é a ideia que anda ligada a essa apregoadá «revolução comunista»?

É difícil precisar porque o proprio salazarismo se esconde detrás de frases de efeito tais como, «aniquilamento da família», «reino da desordem», «Ditadura Vermelha» etc.

O republicano hesitante, que acalenta esperanças no próximo revirralho e que, inclusivamente, está disposto a tomar «uma atitude definida» quando chegar esse momento, faz marcha atrás, ante a visão da sua família chupada até ao último osso pela tribo de canibais — os comunistas.

Como diria o meu vizinho, um bom simpatizante, «eu quero meças»: que saltem a público as folhas corridas de quantos defendem Salazar — a começar pela polícia de Informações, — e as folhas corridas dos milhares de «canibais» comunistas!

Não. O Partido Comunista não tem necessidade de falsas manobras, pela simples razão de que não esconde os seus propósitos: Al estê um dos motivos da sua força.

O VII Congresso da Internacional Comunista, realizado em Agosto passado, em Moscô, analisando a situação mundial, chegou à conclusão de «que a unidade de acção de todas as camadas da classe operária, qualquer que seja a organização a que pertençam» deve ser «realizada» mesmo antes de que a maioria da classe operária se una sob a plataforma comum de luta pelo derrubamento do capitalismo e a vitória da revolução proletária.»

Alta contra o fascismo é a reacção, pelo derrubamento da ditadura salazarista e pela instauração de um governo verdadeiramente democrático e popular, é a etapa que o Partido Comunista Português pretende realizar, de mãos dadas com os antifascistas de todo o país, de qualquer sector que eles venham.

E assim que, em França, comunistas, socialistas, radicais socialistas e outros sectores republicanos, tem respondido às tentativas de fascização das hostes de La Roque, auxiliadas por Laval. E assim que, em Espanha, as forças que estão dispostas a defender a democracia, estreitam os contactos, estabelecem acordos e se dispõem a levantar uma barreira infranqueável às hostes de Gil Robles.

A frente única proletária e a frente popular antifascistas são a garantia da vitória. A divisão das forças antifascistas, o sinal prematuro de derrotas. O Partido Comunista não abdicá dos seus fins, como bem o definiu Demitroff no seu já citado Congresso. O Partido Comunista continuará a ter a sua vida independente e continuará caminhando como guarda do proletariado, como factor decisivo para a instauração do poder soviético.

Os pactos de acção comum com as forças antifascistas, operárias e populares, de outras tendências, significam que o Partido Comunista, em face da barbárie e da exploração fascista, reconhece a necessidade imediata e decisiva a realização de uma corrente caudalosa contra a reacção, que a vença e a anarre solidamente ao pelourinho da História.

Eis porque os bons republicanos só tem a ganhar unindo as nossas as suas forças.

Eis porque os honzcos salazaristas tremem ao pensar que em breve virá o dia em que prestarão contas, não ao seu Deus, mas aos homens — a esses homens que têm manchas nos corpos, das vergastadas cobrdes dos seus aigosas, a esses mesmos homens que sentem o espirito oprimido por dez anos de obscurantismo bestial e reacçãoário.

Subscrição permanente para o AVANTE!

Escreve-nos um camarada, sugerindo a ideia de uma subscrição permanente em auxílio do «Avante!» Assim, terem s mais possibilidades de reagir a qualquer acção policial.

Incitamos todos os nossos camaradas, amigos e simpatizantes a organizar essa subscrição.

Muitos poucos fazem muitos! Auxiliai o «Avante!»

Da Célula da Prisão	20\$ 0
De Peniche.....	5\$ 00
Do camarada X.....	5\$ 00
Do camarada Y.....	5\$ 00
Do camarada Z.....	5\$ 00
Dam grupo de simpatizantes intelectuais.....	50\$ 00
A TRANSPORTAR.....	85\$ 00